

## **61. Estamos passando por uma crise na Aldeia Palikur**

Ailton Batista

Meu nome é Ailton Batista, sou do clã *wakavuyene*, da etnia Palikur-Arukwayene, tenho 48 anos, falo a língua do meu povo, denominada de *Parikwaki* “*Maykyene*”, moro na Terra Indígena Uaçá, Rio Urucauá, Aldeia Kumenê, sou aluno do Curso de Especialização em Estudos Culturais e Políticas Públicas, ano de 2020.

Estamos passando por uma alta crise na nossa Aldeia Palikur, causada pela pandemia do coronavírus. No mês de maio um Agente Indígena de Saúde (AIS) apresentou sintomas desse vírus na nossa aldeia, naquele momento os profissionais de saúde – enfermeiro, técnicos de enfermagem e médico – saíram da aldeia, deixando o posto de atendimento à saúde fechado por mais de uma semana, e os casos de pessoas infectadas cada vez mais aumentando. O posto de saúde foi aberto depois da chegada de outra equipe de profissionais da saúde, que vieram para o atendimento do povo arukwayene, mas mesmo assim não tem remédio para combater o pico do novo coronavírus.

A pandemia impactou a vida da comunidade, deixando uma total aflição no nosso modo de vida. O atendimento à saúde para meu povo Palikur-Arukwayene já tem condições precárias há muitos anos, por falta de fiscalização das políticas públicas que visam assegurar os direitos dos povos indígenas carentes e garantir o melhor atendimento à saúde das populações indígenas. Sentimos um profundo abandono do poder público no atendimento à saúde indígena. Então, tomamos uma medida essencial para combater essa doença: buscamos a prática dos saberes tradicionais do povo, utilizamos técnicas dos anciões no preparo de plantas medicinais para o tratamento contra a doença.

As práticas de preparo de medicamentos tradicionais apresentaram importantes resultados na recuperação das pessoas infectadas pelo coronavírus, mas duas pessoas da minha comunidade morreram vítimas da COVID-19. Os que perderam entes queridos ficaram muito tristes, eles farão muita falta para suas famílias e a dor que as pessoas sentem é inesquecível.

Quando a pandemia do coronavírus chegou na nossa aldeia fiquei com muito medo de morrer e perder a família. Na minha família o primeiro a apresentar sintomas do coronavírus foi minha filha Makuk, de 4 anos de idade, depois foi meu neto Kariwa. Nós tivemos que deixar o medo e cuidar de Makuk e Kariwa até que os dois se recuperassem, mas poucos dias depois todos os meus filhos e minhas noras apresentaram os mesmos sintomas. Nós ficamos em casa cuidando dos que estavam doentes, usamos apenas remédios feitos com plantas medicinais no tratamento, fizemos banhos e chás para combater a COVID-19, até que todos da minha família se recuperaram. Atravessamos o período da pandemia mais preocupante, graças a *Uhokri* tudo passou bem na minha família.

Aldeia Kumenê, Oiapoque, Amapá, Brasil

17 de julho de 2020.